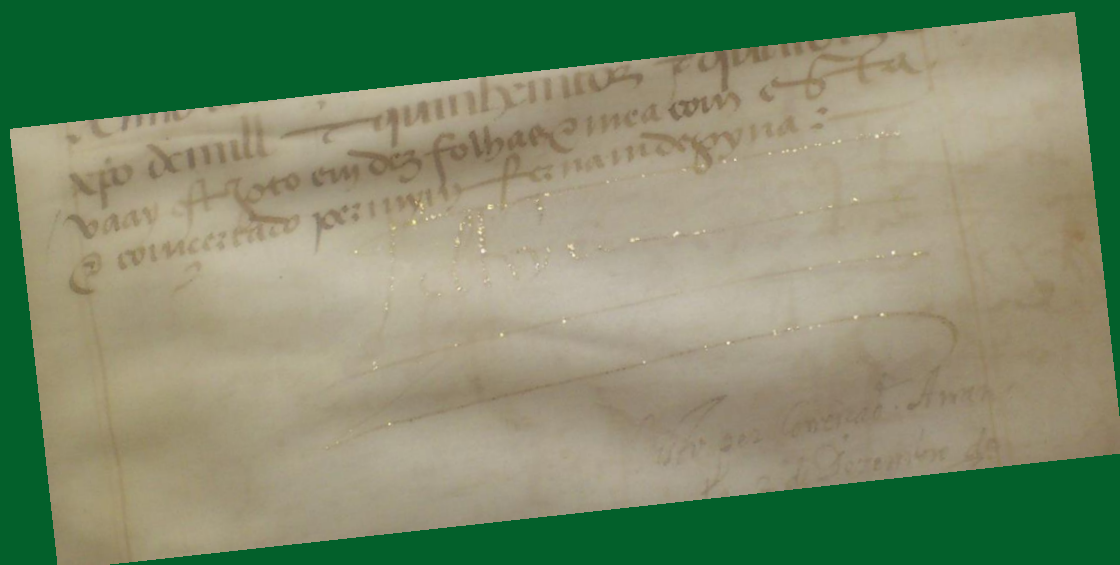




# FRAGMENTA HISTORICA 2

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



## FICHA TÉCNICA

### **Título**

*Fragmenta Historica – História, Paleografia e Diplomática*

### **ISSN**

1647-6344

### **Editor**

Centro de Estudos Históricos

(financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia)

### **Director**

João José Alves Dias

### **Conselho Editorial**

João Costa: Licenciado em História pela FCSH/NOVA. Mestre em História Medieval pela FCSH/NOVA. Doutorando em História Medieval na FCSH/NOVA

José Jorge Gonçalves: Licenciado em História pela FCSH-NOVA. Mestre em História Moderna pela FCSH/NOVA. Doutor em História Moderna pela FCSH/NOVA

Pedro Pinto: Licenciado em História pela FCSH/NOVA

### **Conselho Científico**

Fernando Augusto de Figueiredo (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Gerhard Sailler (Diplomatische Akademie Wien)

Helga Maria Jüsten (CEH-NOVA)

Helmut Siepmann (U. Köln)

Iria Vicente Gonçalves (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

João José Alves Dias (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Jorge Pereira de Sampaio (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

José Jorge Gonçalves (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Julián Martín Abad (Biblioteca Nacional de España)

Maria Ângela Godinho Vieira Rocha Beirante (CEH-NOVA)

Maria de Fátima Mendes Vieira Botão Salvador (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

### **Design Gráfico**

João Carlos Timóteo

### **Índices**

João Costa

### **Imagem de capa**

Assinatura régia autógrafa de D. Manuel I, Foral de Vouga, Lisboa, [Colecção Particular], 1514.03.18.



## SUMÁRIO

**Imagem da capa: A assinatura régia: a tinta-ouro escreve o Rei, p. 7**

João Alves Dias

## ESTUDOS

**Algumas Achegas sobre o Material Tipográfico da Oficina de Germão Galharde e de sua Viúva (1519-1565), p. 11**

Helga Jüsten

**Património, Casa e Patrocínio: Uma Aproximação ao Senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534), p. 39**

Hélder Carvalhal

## MONUMENTA HISTORICA

Carlos Silva Moura, João Costa, José Jorge Gonçalves, Nunziatella Alessandrini, Pedro Pinto, Roger Lee de Jesus, Tiago Machado de Castro

**Escambo de uma casa na Rua das Alcáçovas em Évora por uma vinha em Xarrama (1307), p. 69**

**Venda de um quarto de casas junto à Alcáçova de Évora (1312), p. 71**

**Treslado em pública-forma de um contrato de aforamento de um pardieiro na cidade de Évora feito por João César e Constança Vasques a Domingos Bueiro e Constança Eanes (1322|1376), p. 73**

**Pública-forma de carta régia de D. Afonso IV sobre o cumprimento de uma verba do testamento de D. Dinis (1336), p. 77**

**Testamento de Vasco Afonso, morador em Évora (1346), p. 81**

LISBOA

2014

**Emprazamento de pardieiro em Évora a Mestre João, físico de Córdoba (1374), p. 85**

**Instrumento de tomada de posse de Estêvão Vasques de Góis da Quintã de Pedra Alçada, Monsaraz (1375), p. 87**

**Instrumento público de partilha dos bens de João Tomé (1383), p. 91**

**Partilha de herança de Nicolau Joanes, de Évora (1385), p. 95**

**Aforamento de vinhas no Calhariz (Lisboa, 1390), p. 97**

**Venda de herdade em Redondo (1397), p. 99**

**Encampação de vinha no Calhariz de Lisboa a João Eanes, pedreiro e mestre das obras do concelho (1405), p. 101**

**Encampação de pardieiro no Redondo pertencente a Leonor Gonçalves da Silveira (1414), p. 105**

**Venda de uma herdade em Évora-Monte (1423), p. 107**

**Sentença de D. Afonso V num pleito entre o Cabido da Igreja de Santa Maria de Guimarães e Fernão Vasques da Cunha (1438), p. 109**

**Inventário de todos os bens móveis e de raiz pertencentes à igreja de Nossa Senhora, matriz da vila de Góis (1552), p. 117**

**Certidão da artilharia das fortalezas do Estado da Índia (1553), p. 129**

**Tombo de capelas instituídas na vila de Castelo Branco e seu termo (s.d.), p. 139**

**Testamento de Bartolomeu Ginori, homem de negócios em Lisboa e provedor da irmandade da igreja de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa (1723), p. 151**

**Relação do Forte Real de S. Filipe na Ilha de Santiago, Cabo Verde (1750), p. 159**

## **ÍNDICES**

**Índice cronológico dos documentos publicados neste número, p. 174**

**Índice antroponímico e toponímico deste número, p. 175**

## EDITORIAL

Por vezes os *milagres* acontecem! Por isso podem ser classificadas de *milagres* as surpresas extraordinárias e agradáveis que a vida vai proporcionando, depois de se perderem as esperanças. Como pode um texto impresso revelar-se como inédito se já era édito desde que fora publicado? Existem muitos preconceitos na História. Alguns historiadores defendem que só os documentos manuscritos e que ainda se conservam inéditos podem revelar factos inteiramente desconhecidos ao Homem hodierno. Entendem que o manuscrito revela uma comunicação pessoal (que nem sempre é escrita para um destinatário – caso de um diário) e por isso até uma simples carta enviada a outro, embora passe a ser propriedade do destinatário, não pode ser divulgada sem autorização do signatário, nem o seu autor (a quem pertence a *propriedade intelectual*) a pode divulgar sem a autorização do destinatário.

Todo o interessado conhece a *estória de muy noble Vespasiano emperador de Roma* (um dos raros livros impressos em Lisboa no ano de 1496) e as vicissitudes por que a edição passou por, aparentemente, só ter sobrevivido um exemplar e mesmo esse se encontrar incompleto, dado lhe faltarem os primeiros três fólhos. O texto e a história são conhecidos a partir de outras fontes. O que se tinha como desconhecido, e por isso inédito, eram as gravuras que acompanhavam os dois primeiros capítulos e possivelmente a portada. Na época todos os interessados as viram mas depressa passaram para o mundo do desconhecimento.

Uma investigadora do Centro de Estudos Históricos olhou *com um outro olhar* – para um outro livro, também não inédito *Cronica llamada el triumpho de los nueve preciados da la fama* (Lisboa, Germão Galharde, 1530) – e viu o que os outros até então não tinham identificado: uma das gravuras perdidas (e que se julgavam desconhecidas para sempre) daquelas duas ou três que faltavam na obra impressa mais de três décadas antes. Parafraseando Lavoisier: *nada se perde tudo se transforma!*

O outro milagre é a continuação da *Fragmenta Historica*. O Conselho Editorial recebeu vários artigos mas nem de todos foi possível fazer a edição. Recorde-se que *Fragmenta Historica* não é apenas mais uma revista de divulgação de trabalhos de História. Como diz o Editorial do primeiro número: *a sua base para os seus estudos é (e procuraremos que seja sempre a constante do futuro) o documento: puro, duro, sólido e concreto*. Os textos em língua estrangeira encontram-se limitados a investigadores para quem a língua portuguesa não seja a sua língua materna e oficial e, mesmo esses, têm forçosamente de ter como base o documento. Depois disso, todos os artigos são sujeitos a arbitragem científica externa – e isto é uma injustiça para com os três jovens que constituem o Conselho Editorial pois, eticamente, encontram-se impedidos de escrever artigos para uma revista onde seriam eles próprios a escolher a equipa da arbitragem. Assim, a sua colaboração, como a do Diretor da Revista, está *limitada* à divulgação de documentos, ao editorial, à escolha do documento que ilustre a capa e à sua explicação e, tarefa difícil mas fundamental e importante: a elaboração de um índice analítico. Mas são uma equipa que sabe conjugar Fraternidade, porque acreditam na História e no Homem.

João Alves Dias



## IMAGEM DA CAPA

A assinatura régia: a tinta-ouro escreve o Rei

João José Alves Dias

Quase tudo já foi dito, redito e glosado (por vezes com erros grosseiros) quando se fala e escreve sobre a reforma dos forais que Fernão de Pina coordenou e produziu seguindo as diretivas dos reis a que serviu: D. João II e D. Manuel.

Analisada a documentação que sustentava a cobrança dos direitos reais<sup>1</sup> em cada unidade administrativa<sup>2</sup> independente<sup>3</sup>, Fernão de Pina propunha uma redação final de tudo quanto tinha sido apurado e – após a concordância do Chanceler Rui Boto – produziam-se dois documentos<sup>4</sup> que eram

---

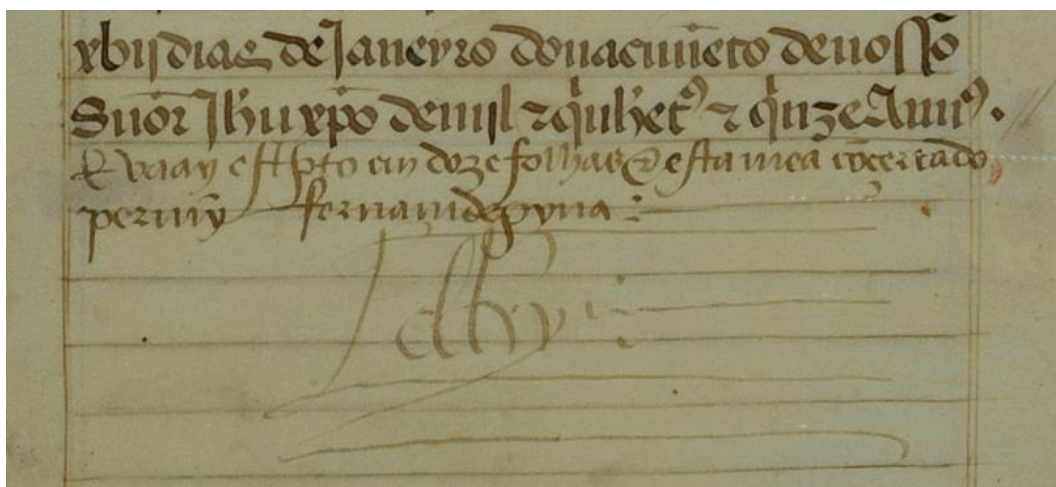
<sup>1</sup> A documentação tinha origem diferenciada: nuns casos, os forais dados até ao século XIV (alguns hoje desconhecidos); em outros, os foros – usos e costumes – estabelecidos e aceites pelo município (que por vezes se foram modificando e que nem sempre subsistiram); noutros, ainda, a documentação base foi produzida com a realização de inquéritos, de sentenças, de tombo e de contratos notariais produzidos entre os vizinhos de cada núcleo administrativo.

<sup>2</sup> As delimitações das unidades administrativas poderiam variar, embora em escala diminuta, e ter ou não independência territorial (separando-se, juntando-se ou autonomizando-se) em função das diferentes jurisdições: fiscais, administrativas, judiciais e até senhoriais. Os mapas não se sobrepõem conforme muitas vezes se tem dito, escrito e representado – tenha-se como exemplo a *terra* do Ribatejo no termo de Palmela (João José Alves Dias, *O Foral de Aldeia Galega de 1514*, Montijo, Câmara Municipal, 2014). Lembrem-se as variações registadas no preâmbulo (*protocolo*) da documentação aquando do endereço (*inscriptio*) na documentação (com origem diferente) enviada a uma mesma unidade administrativa.

<sup>3</sup> Em função das diferentes Contadorias do Reino, porque era de direitos fiscais que se tratava. Por isso existirem “concelhos”, “vilas” ou outras unidades (com diferentes designações) que aparentemente não foram contemplados com forais. Luís Fernando de Carvalho Dias, no fim de cada um dos cinco volumes que publicou com o registo – ou memória – que a Torre do Tombo guardou da produção dos forais, chama a atenção para os “concelhos” existentes entre 1527-1532, que não têm o seu foral registado (o que não quer dizer que em um ou outro caso não tenha existido e que, por razões que hoje nos escapam ainda, tão somente não tivesse sido copiado no registo). Na maioria das vezes, a administração dos Direitos Reais – recorde-se mais uma vez que é disso que tratam os forais quinhentistas – dessas unidades, que aparentemente escaparam, não se colocava por terem espaços «em comum» com outra, ou outras, unidades territoriais.

<sup>4</sup> Ao contrário, também, do que se tem dito e redito – e ao arrepio do que a documentação aparentemente possa induzir – não foram produzidos três forais idênticos (de um mesmo teor e aparência). Foram, sim, feitos, no máximo, três

apresentados na Chancelaria Régia que os selava, validava e ao mesmo tempo fazia com que recebessem o sinal régio de autenticação<sup>5</sup>. Só depois desta confirmação régia é que Fernão de Pina autografava o auto de encerramento do foral. Antes esse auto ficava em aberto porque caso houvesse emendas ou acrescentos de última hora estes poderiam ser adicionados, mesmo depois da data. Se o Rei não tivesse deixado em branco um espaço suficiente para as duas ou três linhas do autógrafo de encerramento, Fernão de Pina não se coibia de o escrever no lugar certo mesmo que com isso tivesse de escrever e de assinar sobre a assinatura régia (recorde-se, entre muitos casos, o do foral assinado a 15.1.1515 para as vilas de Alcochete e Aldeia Galega).



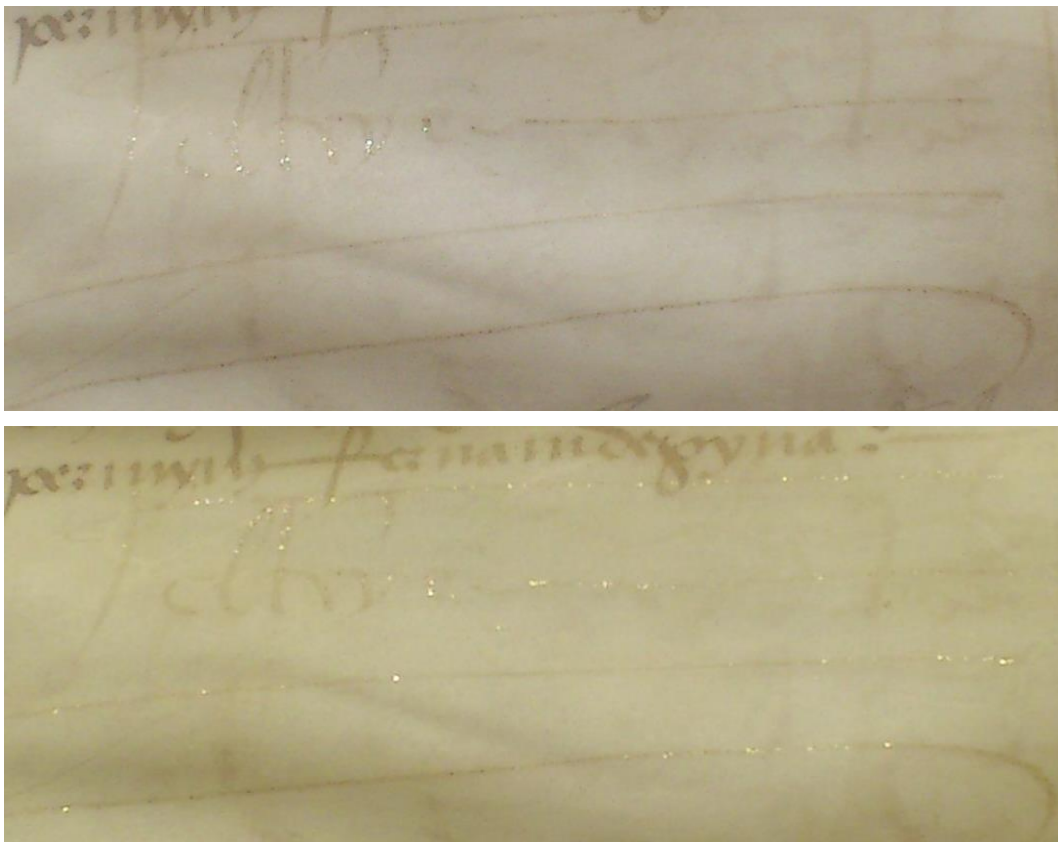
Um dia, olhando num ângulo em que se via a luz solar rasante à assinatura régia que autenticava um foral, reparámos que a assinatura produzia reflexos desse mesmo raio, “ganhando” luz. Testado com mais uns quantos, foi com alegria que confirmámos que pelo menos os originais dos forais produzidos nos anos de catorze e quinze do século de quinhentos apresentavam todos – desde que não tivessem sido mal restaurados – os mesmos reflexos. O ouro tinha sido a substância metálica usada – na produção da tinta com que o monarca assinava – para dar à goma a fluidez e consistência necessárias.

---

documentos, ou melhor três versões ou formas do foral: uma, para a unidade administrativa; outra, para o senhor dos direitos reais (donatário); e uma terceira, que ficava na Coroa, como sede da administração central nos seus vários ramos (no caso presente a Fazenda e Contadoria) destinada à resolução de conflitos. Mas, no que respeita às unidades administrativas em que os direitos reais fossem exclusivamente régios só se produziam duas formas dessa documentação, uma para o «concelho» e outra para a Coroa. Mas (e existe sempre mais um mas, quer na História, quer nas *estórias*), em qualquer dos casos, a forma física do foral (aparência final e diplomática) que ficava para a Coroa não era idêntica à que era entregue à administração local e ao donatário; e, por vezes, poderia ainda haver diferenças, no que ao seu programa decorativo diz respeito, entre o foral do donatário e o da unidade administrativa. Existem, ainda, formas aparentes de forais coletivos, comuns a várias unidades administrativas, que apenas o foram na forma do donatário e coroa e que foram individualizados quando entregues ao local a que respeitavam. [Estamos, em conjunto com Pedro Pinto, a organizar um volume com toda a diplomática dos forais].

<sup>5</sup> Face à doutrina exposta na nota anterior, muitas vezes, só existiu, de um mesmo foral, um exemplar completo dotado de assinatura régia.





**A mesma assinatura régia com diferentes ângulos de incidência de raio solar.**

A assinatura – sinal régio – que acompanha os forais originais é um autógrafo escrito pelo monarca, com uma tinta composta de ouro... A escrita apresenta-se-nos clara, como se de um fio de ouro se tratasse e, por isso, pouco se realça no pergaminho hoje amarelecido pelo consumo do tempo. Mas ao Sol o ouro ainda reluz!

#### **Fontes**

Foral de Alcochete e de Aldeia Galega do Ribatejo, 1515, Lisboa, Janeiro, 17 (Alcochete, Museu Municipal de Alcochete, Pergaminho 319).

Foral de Vouga, 1514, Lisboa, Março, 18 (Lisboa, [Coleção Particular]).



# CERTIDÃO DA ARTILHARIA DAS FORTALEZAS DO ESTADO DA ÍNDIA (1553)

Transcrição de Roger Lee de Jesus

Doutorando em Altos Estudos em História – Época Moderna na Universidade de  
Coimbra

CHSC – UC

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

e

Tiago Machado de Castro

Doutorando em História na Universidade Nova de Lisboa; Bolseiro de investigação  
do CLUL

CHAM – FCSH/NOVA – UAç

## Resumo

1553, Goa, Novembro, 1

Cópia dos inícios do século XVII (1608) dum rol da artilharia das fortalezas do Estado da Índia durante o vice-reinado de D. Afonso de Noronha (1550-1554).

## Abstract

Copy of the early seventeenth century (1608) of a list of the artillery of the State of India strongholds during the viceroyalty of Afonso de Noronha (1550-1554).

Lisboa, Biblioteca da Ajuda, Códice 51-VI-54, fól. 39r-43v.

<sup>166</sup> Documento

[fól. 39]

Certidão de toda a artilharia da India, segunda via

Maluquo almoxarife Augusto Ferreira

Anno de 1552

- ¶ Hũa espera de metal – I peça
- ¶ Tres meyas esperas de metal – III peças
- ¶ Seys camellos de metal – bi peças
- ¶ Dous camellos de fero – II peças
- ¶ Dous tiros de metal – II peças
- ¶ Dous cães de metal – II peças
- ¶ Oito falcões de metal – bIII peças
- ¶ Hũa bombardarda pequena de metal – I peça
- ¶ Secenta e oito berços de metal – LX bIII peças
- ¶ Nove meynos bercos de metal – IX peças
- ¶ Hum berco de fero – I peça

Malaca almoxarife Giraldo Cão os anos de 1550-551-552

Mais Malaca

- ¶ Tres esperas de metal – III peças
- ¶ Hũa salvagem de metal – I peça
- ¶ Duas meas esperas de metal – II peças
- ¶ Hũa aguia de metal – I peça
- ¶ Hum camello de metal de marca mayor – I peça
- ¶ Dezanove candetes de metal – XIX peças

---

<sup>166</sup> Os critérios de transcrição adoptados seguem as propostas por Avelino de Jesus da Costa (*Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, Coimbra: FLUC/IPD, 3ª ed., 1993). Entre outros: desdobraram-se as abreviaturas sem assinalar as letras que lhes correspondem; actualizou-se o uso de maiúsculas e minúsculas, do *i* e do *j*, do *u* e do *v*, conforme eram vogais ou consoantes; ignoraram-se alguns sinais de pontuação colocados no texto, e inseriram-se outros para tornar o documento mais compreensível; os acentos foram introduzidos apenas para evitar erros de pronúncia ou interpretação; separaram-se as palavras incorrectamente juntas e uniram-se os elementos dispersos da mesma palavra; mantiveram-se as consoantes e vogais duplas insertas no meio do vocábulo, reduzindo-as a uma só quando no início da palavra; as palavras proclíticas e aglutinadas foram separadas por apóstrofo.

- ¶ De camellos de fero tres – III peças
- ¶ Tres camelletes de fero – III peças
- ¶ Sete falcões de metal – bII peças
- ¶ Hum cão de metal – I peça
- ¶ Hum falcão de fero – I peça
- [fól. 39v.º] ¶ Trinta e hum bercos de metal – XXXI peças
- ¶ Dous bercos de metal mouriscos – II peças
- ¶ Vinte e tres meynos bercos de metal – XXIII peças
- ¶ Tres meynos bercos mouriscos – III peças
- ¶ Hũa bombardada roqueira de fero – I peça
- ¶ Dous bercos de fero mouriscos – II peças
- ¶ Dous meynos bercos de fero – II peças

Mocambique Fernão Rodriguez de Carvalho

Anno de 552

- ¶ Quatro camelletes de metal – IIII peças
- ¶ Hum camello de metal de marca mayor – I peça
- ¶ Dezasete falcões de metal – XbII peças
- ¶ Cinquenta e dous bercos de metal – LII peças
- ¶ Hum meyo berco de metal – I peça
- ¶ Quatro meynos bercos de fero mouriscos – IIII peças
- ¶ Hũa roqueira de fero mourisca – I peça

Sofalla feitor Gaspar Gonçalvez Ribeiro

Anno de 551

- ¶ Hũa espera de metal – I peça
- ¶ Hum camelete de metal – I peça
- ¶ Dous falcões de metal – II peças
- ¶ Hum berco de fero – I peça

[fól. 40] Ormus Almoxarife Pero de Tovar

Anno de 1551

- ¶ Nove esperas de metal – IX peças
- ¶ Tres meyas esperas de metal – III peças



- ¶ Hũa aguea de metal – I peça
- ¶ Duas serpes de metal – II peças
- ¶ Quimze camellos de metal de marca maior – Xb peças
- ¶ Quatorze camelos de metal – XIIIl peças
- ¶ Seys leoes de metal – bl peças
- ¶ Hum camelete de metal mourisco – I peça
- ¶ Sete camellos de fero – blil peças
- ¶ Dous camelletes de fero – II peças
- ¶ Tres cachoros de metal – III peças
- ¶ Trinta e dous falcões de metal - XXXIIl peças
- ¶ Hum falcão de fero chumbeiro – I peça
- ¶ Cinquenta e oito bercos de metal – LbIIIl peças
- ¶ Hũa roqueira grande de metal mourisco – I peça
- ¶ Quinze meynos bercos de metal – Xb peças

#### Mais Ormus

- ¶ Seis bercos de fero – bl peças
- ¶ Tres meynos bercos de fero – IIIl peças
- ¶ Nove roqueiras de fero mouriscas – IX peças
- ¶ Hum espingardão de fero – I peça
- ¶ Oitenta e oito espinguardas feitas na India com as quinas del Rey nosso senhor – LXXXbIIIl peças

[fól. 40v.<sup>o</sup>] Dio almoxarife Allonso Carrilho

Anno de 1552

- ¶ Dous bassaliscos de metal – II peças
- ¶ Onze esperas de metal – XI peças
- ¶ Tres meyas esperas de metal – IIIl peças
- ¶ Hum reimão de metal – I peça
- ¶ Hũa aguia de metal – I peça
- ¶ Duas serpes de metal – II peças
- ¶ Hũa salvagem de metal – I peça
- ¶ Tres leões de metal – IIIl peças
- ¶ Mays hũa espera de metal – I peça

#### Mais Diu

- ¶ Oito camellos de metal de marca mayor – bIII peças
- ¶ Dezanove cameletes de metal - XIX peças
- ¶ Dous bassaliscos de fero – II peças
- ¶ Duas salvagens de fero – II peças
- ¶ Hum espalhafato de fero – I peça
- ¶ Dous passamuros de fero – II peça
- ¶ Seys cães de fero – bl peças
- ¶ Seys falcões de metal – bl peças
- ¶ Trinta bercos de metal – XXX peças
- ¶ Hum berco de fero – I peça
- ¶ Quarenta e sete espinguardas – RbII peças
- ¶ Dezasete archabuzes – XbII peças

[fól. 41] Baçaim Almoxarife Fernão Ribeiro

Anno de 552

- ¶ Tres esperas de metal – III peças
- ¶ Hũa serpe de metal – I peça
- ¶ Hũa salvagem de metal – I peça

#### Mais Baçaym

- ¶ Dous leões de metal – II peças
- ¶ Oito camellos de metal – bIII peças
- ¶ Dez cameletes de metal – X peças
- ¶ Dezasete falcões de metal – XbII peças
- ¶ Trinta e seys bercos de metal – XXXbl peças
- ¶ Quatorze meynos bercos de metal – XIIIl peças
- ¶ Duas bombardas roqueiras de fero – II peças

Chaul Almoxarife Antonio da Costa

Anno de 551

- ¶ Tres esperas de metal – III peças
- ¶ Duas salvagens de metal – II peças



- ¶ Hum leão de metal – I peças
- ¶ Quatro meyas esperas de metal – IIII peças
- ¶ Tres camellos de metal de marca mayor – III peças
- ¶ Dez cameletes de metal – X peças
- ¶ Nove camellos de fero de marca maior – IX peças

[fól. 41v.<sup>o</sup>] Mais Chaul

- ¶ Hum camelete de fero – I peça
- ¶ Cinquo bombardas roqueiras de fero – b peças
- ¶ Dous cães de metal – II peças
- ¶ Dous caes de fero – II peças
- ¶ Hum falcão de fero – I peça
- ¶ Doze bercos de metal – XII peças
- ¶ Dezoyto meynos bercos de metal – XbIII peças
- ¶ Dous bercos de fero – II peças
- ¶ Cinquo meynos bercos de fero mouriscos – b peças
- ¶ Hum espinguardão de fero – I peça

Cananor Alexandre Aleixos Pirez

Anno de 554

- ¶ Hũa espera de metal – I peça
- ¶ Hũa salvagem de metal – I peça
- ¶ Dous camellos de metal – II peças
- ¶ Hum camelete de metal – I peça

Mais Cananor

- ¶ Tres camellos de fero – III peças
- ¶ Hũa serpe de fero – I peça
- ¶ Hum camellete de fero – I peça
- ¶ Tres bombardas roqueiras de fero – III peças
- ¶ Dous falcões de metal – II peças
- ¶ Hũa bombardas mourisca – I peça
- ¶ Vinte e quatro bercos de metal – XXIII peças



¶ Tres meynos bercos de metal – III peças

[fól. 42] ¶ Tres bercos de fero – III peças

¶ Hum berco de fero mourisco – I peça

¶ Vinte e quatro bombardinhas de ferro mourisco – XXVIII peças

Chale Capitam Dom Bernardin

Anno de –

¶ Duas salvagens de metal – II peças

¶ Hum leão de metal – I peça

¶ Duas meas esperas de metal – II peças

¶ Dous camellos de metal de marca mayor – II peças

Mais Chale

¶ Quatro camelletes de metal – IIII peças

¶ Hum camelete de fero – I peça

¶ Quatro falcões de metal – IIII peças

¶ Dez bercos de metal – X peças

¶ Duas roqueiras de fero – II peças

Cochim Almoxarife Vicente Rebello

Anno de –

¶ Hũa espera de metal – I peça

¶ Oyto meas esperas de metal – bIII peças

¶ Hũa serpe – I peça

¶ Hũa aguea – I peça

¶ Dous camellos de metal de marca mayor – II peças

¶ Dezanove camelletes de metal – XIX peças

¶ Hum camello de fero – I peça

¶ Quarenta e nove falcões de metal – RIX peças

[fól. 42v.º] ¶ Secenta e dous falcões de metal –LXII peças

¶ Quarenta e nove meynos bercos de metal – RIX peças

¶ Hum falcão de fero – I peça

¶ Treze bercos de fero – XIII peças

¶ Hum meyo berco de fero – I peça



Coulão Capitão e feitor Bernardo d'Afonsequa

Anno de 553

- ¶ Hum camello de metal de marca mayor – I peça
- ¶ Dous falcões pedreiros de metal – II peças
- ¶ Tres falcões chumbeiros de metal – III peças
- ¶ Dous cameletes de metal – II peças
- ¶ Dous camellos de fero de marca mayor – II peças
- ¶ Hũa meya espera de fero – I peça
- ¶ Doze bercos de metal – XII peças
- ¶ Hum berco de fero – I peça
- ¶ Dous meyoys bercos de metal – II peças
- ¶ Duas bombardas roqueiras de fero – II peças

Goa Almoxarife António Fernandez Toscano

Anno de 553

- ¶ Tres bazaliscos – III peças
- ¶ Hum espalhafato de Cambaya – I peça
- ¶ Hum espalhafato mays de fero – I peças
- ¶ Seys leões – VI peças
- ¶ Tres serpez – III peças
- ¶ Duas aguias – II peças
- ¶ Seys salvagens – VI peças
- ¶ Trinta camellos de marca mayor – XXX peças

[fól. 43] Mais Goa

- ¶ Cento e onze cameletes – Cento XI peças
- ¶ Dez esperas – X peças
- ¶ Dous cameletes pequenos – II peças
- ¶ Mays hum camelleto pequeno mourisco – II peças
- ¶ Secenta e tres falcões pedreiros – LXIII peças
- ¶ Dezoito cães do Regno – XVIII peças
- ¶ Quarenta e dous cães mais que vierão e Baroque em q entrão algũas bombardas roqueiras – RII peças



- ¶ Cento e oito falcões chumbeiros – Cento bII peças
- ¶ Quatrocentos trinta e oito berços de metal-III<sup>c</sup> XXX bIII
- ¶ Quinze meas esperas de Cambaya em que entrão duas peças portuguezas de metal – Xb peças
- ¶ Cento e cinquenta e quatro meyo berços – Cento LIII peças

Antonio Nunes contador del rey nosso senhor nestas partes da India que ora sirvo de provedor dos contos das ditas partes por provisão do viso rey dom Affonso de Noronha etc. faco saber aos que esta certidão virem como eu com Tristão de Novoa contador do dito senhor concertamos esta artilheria contheuda nestas seys meas folhas de papell de marca mayor com as contas dos Almoxerifes e officiaes donde foi tirada em cada addição per sy nas quaes monta ao todo esta artilheria abaixo declarada que estaa e serve em todas as fortallezas destas partes da India scilicet quarenta e quatro esperas de metal; quarenta meas esperas de metal; oitenta e oito camellos de metal; duzentos e seys camelletes de metal; quatorze salvagens de metal; dezanove leoes de metal; dez serpes de metal; seys agueas de metal; cinco basiliscos de metal; hum reimão de metal; <dous><sup>167</sup> tiros grandes de metal; [fól. 43v.º] secenta e cinco caes de metal; trezentos e vinte falcoes de metal; hũa bombardarda de metal; oitocentos quarenta e dous bercos de metal; duzentos e oitenta e oito meyo bercos de metal; tres cachoros de metal; vinte camellos de fero; oito camelletes de fero; quatro falcões de fero; quinze bercos de fero; dezoito meyo bercos de fero; dous basiliscos de fero; duas salvagens de fero; tres espalhafatos de fero; dous passamuros de fero; hũa mea espera de fero; oyto cães de fero; quinze bercos de fero mouriscos; dous bercos de metal mouriscos; cento e trinta e cinco espinguardas; dous espinguardões; dezasete archabuzes. A qual artilheria foi aqui tirada das contas dos ditos almoxerifes e officiães per mandado do senhor viso rey Dom Affonso de Noronha pera inviar ao reyno a sua alteza o que tudo foi feito por Tristão da Novoa contador do dito senhor e concertado comigo <Antonio><sup>168</sup> Nunes provedor desta dita caza dos contos e deste theor foi passada outra per outra via pellas quaes per hũa soamente se fara obra; o que assy certificamos. Pero Varella escrivão dos contos a fez em Goa ao primeiro de Novembro de mil quinhentos e cinquenta e três, Antonio Nunes, Tristão da Novoa consertada com a própria oje 8 de Novembro de 608

[assinatura] Antonio Viles de Çima



<sup>167</sup> Riscado “tres”.

<sup>168</sup> Riscado “Ambrozio”.





CENTRO DE  
ESTUDOS  
HISTÓRICOS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA